

**Percepção dos Turistas de Pesca e Pescadores
do Distrito de Piraputanga em Mato Grosso do Sul:
O Lugar e os Sujeitos.¹**

Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal/Corumbá/MS.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo o estudo do fenômeno turístico no âmbito das ciências sociais e por objeto de análise a atividade turística da pesca como produto da sociedade de consumo e o modo como o homem vivencia essa atividade em uma determinada localidade, a vivência do lugar constitui um dos elementos importantes para entender o afluxo de turistas para o distrito de Piraputanga. Buscando apreender dimensões do universo dos turistas e dos pescadores da localidade, escolheram-se alguns depoimentos, a partir dos quais se buscou entender o significado e a percepção do lugar para seus habitantes, antes da introdução da atividade turística. São depoimentos perpassados pelos rios, pela morraria desconhecidas, pela vila, por modos de trabalhar e pelas “lembranças do espaço de vida”, do lugar carregado de história, de memória e de experiências.

Palavras-chave

Turismo; Memória; Percepção; Ambiente

Introdução

A pesca é uma das principais atividades econômicas do Mato Grosso do Sul, porém apesar do amplo conhecimento dos pescadores profissionais artesanais, a política estadual de pesca adotada vem gradativamente desfavorecendo os interesses dessa parcela da população local. Em função disso, os pescadores artesanais vêm enfrentando ampla desilusão com sua atividade profissional, haja visto os dados apresentados por Catella (2003) que revelou que 48% dos pescadores gostariam de desenvolver outra atividade em lugar da pesca, alegando vários motivos como ganhar mais, poder ficar mais tempo em casa ou porque “a pesca está ruim”. Outro fator observado na pesquisa de Catella (2003) diz respeito a renda desses profissionais, onde foi verificado que 45%

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo e Construções Simbólicas” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006

² Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, Professor Adjunto do Departamento de Ciências do Ambiente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Pantanal – Corumbá – MS.

dos pescadores recebem menos de um salário mínimo por mês, cerca de 36% recebem dois salários, 9% três salários e apenas 4% contam com quatro salários.

Esse cenário, aliado a mudanças no perfil da atividade turística da região, que vem enfatizando cada vez mais o turismo contemplativo, ao invés do turismo de pesca, pode contribuir com uma mudança favorável para esses profissionais que poderão agregar valor a suas atividades, através de sua articulação em prol de busca de novas oportunidades de trabalho, onde o seu saber possa ser aproveitado e compartilhado com os visitantes de forma criativa e integrada.

Desta forma, para se fazer o estudo do fenômeno do turismo de pesca e pescadores artesanais no território de Piraputanga, é necessário entender a abordagem geográfica do turismo nestes últimos anos. Para isso, a leitura da obra Milton Santos contribui no sentido de que o autor analisou a correspondência entre os elementos do espaço e as bases do turismo. Para Santos (1985, p.6), os elementos do espaço são “os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas”. Fazendo o exercício de comparação, os lugares visitados correspondem ao meio ecológico ou à base física do trabalho turístico, com as estruturas de acesso, de apoio e de suporte, que inclui toda a infra-estrutura: transporte, comunicação, hotéis, serviços, segurança e saúde. O homem é o elemento que corresponde à demanda turística e às comunidades receptoras. As firmas são os componentes que correspondem a todas as empresas de serviços e recreação. As instituições são os sistemas que correspondem às normas, às ordens, às leis que regem o turismo.

Outro conceito que merece destaque, nos estudos que têm o turismo como pano de fundo, é o território. O caráter espacial da atividade turística manifesta-se no território. Nesse sentido, Nicolás (1996, p. 12) referiu que: “*sea por la evidencia empírica sea por deducción teórica, las reglas, modelos y patrones que las rigen esta relación entre el turismo y el territorio*”.

A atividade turística concorre, no processo de transformação dos territórios, para e por seu uso, bem como com formações sócioespaciais precedentes a sua existência. Apesar desses confrontamentos, a força do turismo é dada por sua capacidade “de criar, de transformar e, inclusive, de valorizar, diferencialmente, espaços que podiam não ter valor no contexto da lógica de produção” (NICOLÁS, 1996).

O processo de transformação de determinado espaço, em território turístico (KNAFOU, 1996), requer a readequação desse espaço à sua nova funcionalização, ou seja, à nova

especialização que lhe é outorgada. Essa readequação significa, do ponto de vista de uma análise espacial, a criação de um sistema de objetos que dê familiaridade ao novo sistema de ações trazido pela demanda social do turismo (LUCHIARI, 1998).

O conceito de território corresponde a frações funcionais (SANTOS, 1997) do espaço. Corresponde ao espaço funcionalizado, apropriado por determinados atores sociais que fazem sentir suas influências num dado momento histórico.

Quando se fala de turismo, é preciso ter em mente que está se tratando, de um lado, de uma parcela da população mundial que reúne condições (materiais e imateriais, como recursos financeiros e tempo livre de trabalho) necessárias para o fazer turístico e, de outro, de determinadas porções do espaço eleitas pelo fazer turístico. Uma grande quantidade de pessoas e de lugares no mundo não faz parte do mundo do turismo. Esses lugares correspondem aos territórios que existem sem o turismo (KNAFOU, 1996).

Conforme apontou KNAFOU (1996, p. 64), os territórios turísticos caracterizam-se, “no final das contas”, pelo confronto que abrigam entre duas territorialidades distintas, “a territorialidade sedentária dos que aí vivem freqüentemente, e a territorialidade nômade dos que só passam, mas que não têm menos necessidade de se apropriar, mesmo fugidamente, dos territórios que freqüentam”.

As possibilidades de aproveitamento do potencial turístico se ampliam a partir do maior conhecimento que se tem da região, do lugar e das cidades. Isto acontece de tal forma que Nicolas (1996, p.49), afirma que:

Crea, transforma e inclusive valoriza diferencialmente espacios que podían no tener “valor” en el contexto de la lógica de producción: de repente la tierra de pastizal se puede transformar en parque de acampar o la casa semi derruida del abuelo fallecido en casa de huéspedes. Toda la cuestión del patrimonio “turistificado” se puede analizar bajo esta vertente.

Tal fenômeno vem assumindo grande importância, desde meados deste século, e seu incremento define incidências espaciais que se tornam objetos das mais diferentes análises, segundo interesses daqueles que procuram investigá-las. Rodrigues (1997) afirmou que “face a sua complexidade, o turismo deve ser abordado em âmbito multidisciplinar, particularmente pelo conjunto das Ciências Sociais”.

O fenômeno do turismo vem assumindo grande importância nas Ciências Sociais, pois a relação do turismo com o espaço e o tempo implica em análises das mais diferentes

variáveis. Esta importância adquire visibilidade desde meados do século passado e seu incremento define incidências espaciais que se tornam objetos das mais diferentes análises, segundo interesses daqueles que procuram investigá-las. Rodrigues (1992, p. 72) afirma que, “face a sua complexidade, o turismo deve ser abordado em âmbito multidisciplinar, particularmente pelo conjunto das Ciências Sociais”.

Segundo a referida autora, no Brasil, “o estudo do turismo no âmbito da Geografia acentua-se na década de 60 respondendo ao acelerado desenvolvimento do fenômeno, ligado à prosperidade econômica que marcou o período do pós-guerra nos países centrais do capitalismo” (RODRIGUES, 1992, p. 72).

De acordo com Pearce (1988), só a partir de 1970 é que começou a aparecer uma bibliografia específica voltada à Geografia. Ainda segundo este autor, a Geografia que se preocupa com o turismo ocupa-se com os seguintes temas de estudo: padrões de distribuição espacial da demanda, centros de férias, movimentos e fluxos turísticos, impactos do turismo, modelos de desenvolvimento do espaço turístico, análise de regiões turísticas funcionais, etc.

A importância do entendimento do turismo pela Geografia, neste final de século, em um mundo globalizado, em que cada vez mais se relaciona à importância crescente do turismo com a nova organização do território mundial, é explicada por Rodrigues (1996a, p. 17) da seguinte forma:

Num mundo globalizado o turismo apresenta-se em inúmeras modalidades, sob diversas fases evolutivas, que podem ocorrer sincronicamente num mesmo país, em escalas regionais ou locais. Expande-se em nível planetário, não poupando nenhum território – nas zonas glaciais, nas cadeias terciárias, até nas regiões submarinas – na cidade; no campo; na praia; nas montanhas; nas florestas; savanas, campos e desertos; nos oceanos, lagos, rios, mares e ares.

Conforme a autora, no mundo globalizado há um traço marcante relacionado ao turismo: a mudança no perfil da população mundial, com o casamento tardio e o número maior de idosos, que dispõem de mais recursos e tempo para viajar. Com as viagens de estudos organizadas por agências, aumentam as viagens individuais e em grupos. As mulheres crescem como força de trabalho e aumenta a demanda de viagens de trabalho para executivas. Também aumentam a necessidade de informação e cultura eruditas,

divulgadas pela mídia e exigidas pelo mercado de trabalho, além das preocupações com a questão ambiental.

Nesta última década, a Geografia, preocupada com as questões afetas ao turismo, vem crescendo consideravelmente, pois se multiplicam as questões de um mundo globalizado a serem consideradas e analisadas por essa ciência.

Piraputanga como Lugar Experienciado

Como se tem por objetivo o estudo do fenômeno turístico no âmbito da Geografia e por objeto de análise a atividade turística como produto da sociedade de consumo e o modo como o homem vivencia em determinado espaço geográfico, considera-se que a vivência do lugar constitui um dos elementos importantes para entender o afluxo de turistas para Piraputanga.

Para se fazer uma análise do distrito como lugar experienciado, sentimos a necessidade de enfatizar alguns aspectos que inicialmente se encontravam diluídos: num primeiro momento, a definição de lugar e as razões pelas quais alguns ambientes se tornam mais significativos para as pessoas.

Para preencher essas lacunas, recorreu-se à bibliografia específica e, neste aspecto, a leitura do geógrafo Tuan (1983, p. 4) foi relevante. Para ele, os lugares são os centros aos quais atribuímos valor. Observou que, freqüentemente, no decorrer de nossas experiências, o significado de espaço se funde com o de lugar, pois, à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor, o espaço, anteriormente indiferenciado, transforma-se em “lugar”. O lugar é, portanto, um repositório de significados, que encarna experiências e aspirações humanas.

Ainda segundo este geógrafo (1983, p. 9), a experiência abrange as diversas maneiras através das quais conhecemos e construímos a realidade. Na experiência, somos capazes de aprender a partir da própria vivência; pensamos, sentimos, atuamos sobre o dado e criamos a partir dele. A realidade é, por isso, um constructo da experiência, uma criação de pensamento e sentimento. As emoções coloretem a experiência humana e são por ela coloridas, influenciando o caráter do mundo e das coisas vividas e sentidas.

Na mesma obra, Tuan (1983, p. 151) indicou que conhecemos a realidade de maneira íntima e conceitual, pois “movemo-nos das experiências diretas e íntimas para aquelas

que envolvem cada vez mais apreensão simbólica e conceitual”. À medida que o espaço é experienciado, adquire definição e significado, transformando-se em lugar.

Por meio da leitura desse autor, percebemos que os lugares são, portanto, espaços experienciados. É o sentimento de lugar que se relaciona às motivações dos turistas para procurarem Piraputanga, pois, ao entrarem em contato com esse espaço turístico, pela sua percepção, os turistas lhe atribuem valor de acordo com suas necessidades, interesses, desejos, sonhos, propósitos e aspirações. É esse espaço, carregado de significados, que passa a ser percebido, então, como “lugar”.

No caso de nossa área de estudo, onde as paisagens estão carregadas de significados para os sujeitos que as experienciam, o sujeito é o turista que, através de sua percepção, suas vontades, necessidades, emoções, sentimentos e afetividades, interage com o lugar e suas paisagens.

Desta forma, Bergson (apud Bosi, 2001, p. 8) afirma que “não há percepção que não esteja impregnada de lembrança”. A percepção da paisagem faz parte da experiência dos indivíduos em relação aos lugares e inclui as experiências passadas. É por meio dela que o turista atribui significados e valores à paisagem de Piraputanga na região de Aquidauana.

Piraputanga torna-se um lugar para os turistas à medida que suas lembranças impregnam as paisagens com sentimentos e valores íntimos, contribuindo para a formação de laços afetivos que os unem àquele lugar.

Nesta perspectiva, em que o lugar é uma construção das experiências humanas, que as entrevistas, a pesquisa de campo com o turista e com a população local são de fundamental importância para nosso trabalho. Os depoimentos dos turistas e dos moradores locais, que experienciam Piraputanga, oferecem um material muito rico em informações e testemunhos para análise. Durante o trabalho com os depoimentos, que chamamos de fonte oral, sentimos também a necessidade de enfatizar esta questão, recorrendo-se à bibliografia específica de história oral.

Bastante instigante, para a discussão da documentação oral foi a leitura da parte introdutória e do primeiro capítulo do livro *A Outra História*, organizado por Frederick Krantz. O estudo do popular é apresentado como aquele que requer a utilização de novas técnicas de pesquisas e novas fontes documentárias. Na parte introdutória e no primeiro capítulo da referida obra, Hobsbawm demonstrou o caminho que percorre o historiador que não faz questões a partir do material, onde as perguntas é que conduzem

as fontes, a documentação oral é uma dessas novas fontes e, para ser utilizada com o melhor proveito possível, é preciso que o historiador elimine as “hipóteses inúteis” e interprete os dados obtidos.

O livro História Oral e Memória, de Antonio Torres Montenegro, demonstra que, ao lado do que a escrita e a imagem registram, existe uma outra visão dos acontecimentos que pode ser recuperada pela memória. Segundo o autor, o depoimento oral é uma outra maneira de construir a história, em que se descobre um processo de socialização de uma visão de passado, presente e futuro, de forma consciente/inconsciente.

Como aporte metodológico a opção foi pela análise da documentação oral, a opção foi pela técnica das entrevistas livres gravadas. Analisou-se sessenta relatos de turistas e de pessoas do local, cuja duração variou trinta a sessenta minutos. Optou-se por fazer as transcrições, pois as consideramos de importância para o entendimento e a formulação de novas questões norteadoras. As transcrições foram realizadas com a preocupação de manter a linguagem, dar a opção por uma transcrição fonética e o uso da acentuação fonética.

Lembranças e Impressões do Lugar para os Antigos Moradores

Buscando apreender dimensões do universo da população do distrito, de seu modo de viver, escolheram-se alguns depoimentos, a partir dos quais se buscou entender o significado e a percepção do lugar para os seus habitantes, antes da introdução da atividade turística. São depoimentos perpassados pelos rios de águas cristalinas, pelas cavernas desconhecidas, pela cidade, por modos de trabalhar e pelas “lembranças do espaço de vida”, do lugar carregado de história, de memória e de experiências.

Sentado em uma cadeira nas margens do rio Aquidauana, preparando-se para receber um grupo de turistas, o E1³ se recorda com felicidade de fatos do passado intercalados com o presente, a respeito da sua vida e de sua família. São lembranças de anos atrás, quando o rio Aquidauana era muito piscoso e desconhecida pela mídia e pelos turistas, de como o destino o tinha conduzido ao rio nos últimos anos de sua vida, para tirar daquelas águas o necessário à subsistência, ano após ano, assim como lazer e alegrias,

³ E1: no texto o autor identifica os entrevistados por códigos. Neste caso, E1 significa primeiro entrevistado.

sem sentir necessidade de encontrar outro caminho que o libertasse da atividade turística.

Homem, pescador e condutor de turistas na época da pesca. Parecia tão estranho às pessoas acostumadas com um chefe de família em atividade na agricultura ou na pecuária. Entretanto, para ele, era uma ocupação como outra qualquer, e mesmo entre a população local, sua presença era aceita de modo corriqueiro, talvez porque do turismo de pesca dependesse o destino de muitos deles.

As lembranças se soltavam enquanto se preparava para receber um grupo de turistas de São Paulo, que nunca tinham pescado em rio do pantanal.

Do presente tão próximo, o E1, volta ao passado, lembrando do tempo em que se podia pescar nos rios da região à vontade, pois eles não eram explorados turisticamente e não existia legislação para esta atividade.

Sentado na frente de um bar e mini mercado na área central do distrito, em frente a um campo de futebol, o E2, estatura média, forte, rijo, queimado de sol, falante, não demonstrou ser um homem que conhece muito da atividade turística. Diz que há mais de dez anos está na atividade do turismo de pesca, no trabalho no rio: “fui o pioneiro no turismo, a primeira pousadinha e as primeiras saídas de bote no rio Aquidauana fui eu quem fez. Isto já faz muito tempo e ninguém fazia”.

Com os olhos perdidos no espaço, lembrou o tempo em que não tinha ninguém trabalhando com o turismo na região e que fez sua vida nessa atividade, aperfeiçoando-se com os anos de prática.

Com uma ponta de orgulho afirmou que, desde o primeiro dia em que pensou na possibilidade do desenvolvimento do turismo na região, sempre trabalhou por conta própria, dia e noite, nunca tendo sido empregado de ninguém, graças à rápida expansão da atividade pesqueira.

Alguns depoimentos de antigos moradores evidenciam o forte contentamento por morar em uma localidade turística, destacando o fato de ser uma cidade pequena, tranqüila, sossegada, além dos aspectos naturais que possui, como as águas dos rios e dos córregos e as belezas da vegetação e da Serra de Aquidauana que circunda a localidade. Apontaram a importância do movimento gerado pelo turismo de pesca para o incremento da localidade, para as pousadas e, principalmente, por gerar empregos para a população jovem. Alguns apontam, ainda, que o movimento do distrito nos feriados prolongados e nas férias de julho e janeiro agrada muito.

Um número reduzido de depoimentos aponta descontentamento com a atividade turística, devido principalmente aos impactos ambientais decorrentes do turismo de pesca, aumento do custo de vida da alta temporada e ao desamparo à população local. Nos depoimentos ficou claro o sentimento de abandono dos moradores, como pode ser percebido na fala do E3: “Aqui só se vive dos turistas e se esquecem da vida do povo daqui. As pessoas que não moram no distrito de Piraputanga sofrem, pois tudo é feito em benefício dos turistas e dos donos do turismo”.

A respeito das vantagens que o turismo traz para a população, vários depoentes disseram que o turismo traz poucas vantagens: “Estamos por fora do turismo, gostaríamos que o senhor que pesquisa nos dissesse” (professores da rede pública municipal e estadual). Expressões como esta nos levam a firmar que um grande número de pessoas da população local está ainda marginalizada dessa nova atividade.

Ainda em relação às vantagens que o turismo traz para a população, o depoimento do E4 é bastante interessante: “As pousadas ganham, aumenta a renda dos comerciantes e traz emprego para a população”.

Outro aspecto que ficou bastante evidente em relação às vantagens, foi o fato do distrito ficar movimentado, animado, dos moradores poderem conhecer outras pessoas e novas culturas. Este aspecto é percebido ainda no depoimento do E4, cozinheiro de um restaurante e morador há mais de trinta anos em Piraputanga: “Os turistas trazem coisas novas para a vila e a vila fica cheia e animada. Há trinta anos atrás eu saía na rua nos meses de janeiro e fevereiro e não via ninguém, hoje em dia é uma farra da gurizada”.

Com uma expressão muito triste, o depoente E5 conta que antigamente pescava no rio Aquidauana e não tinha um só turista; hoje, quando ele chega nas margens do rio, dá vontade de chorar. Segundo o depoente: “Quem viu este rio antigamente e vem aqui para lembrar do passado, sai chorando quando percebe que o antigo local de brincadeiras de crianças se transformou em um local onde impera a farra e o lixo”.

O depoente E5 recorda os tempos em que não havia o desenvolvimento da atividade turística e o acesso aos atrativos era gratuito. De acordo com o depoente: “Eu e meus amigos de escola saíamos cedo de casa, cabulávamos aula e seguíamos em direção ao rio para pescar, era uma delícia.... Hoje para se fazer isto é necessário ser rico. Meus filhos não têm esta oportunidade”.

O advento do turismo trouxe como conseqüência o distanciamento da população dos recursos naturais do local, aos quais, anteriormente, as pessoas tinham acesso diário,

sendo essa, atualmente, uma das maiores reclamações dos moradores. Isto fica muito claro no depoimento do E6 : “Ainda bem que pelo menos para ir no rio não pagamos, porque para pegar peixe tem que ir muito longe e não temos equipamentos para isso, os turistas vão em locais do rio que eu nem conheço e olha que eu moro aqui desde que me conheço como gente. Nas fazendas que hoje recebem turistas na região eu e meus irmãos nadávamos todo dia. Hoje se eu quiser entrar tenho que pagar muito caro. Isto é um absurdo!”.

Pode-se inferir desse e de outros depoimentos que o ritmo acelerado das transformações sócio-culturais imposto pelo turismo da pesca em Piraputanga e toda a região de Aquidauanavem impactando a vida da população local. Predominava na região a valorização das “coisas simples”, das relações familiares, com um ritmo de vida mais lento, por um lado influenciado pelo contato com a natureza e por outro, pelo ciclo das comemorações litúrgicas do catolicismo.

O desenvolvimento do turismo na localidade, além dos impactos ambientais, vem causando impactos nas atividades produtivas e na cultura da população fixa, ocorrendo uma transformação nos hábitos de consumo, pelo despertar de novas aspirações, até então desconhecidas, consequência da presença dos turistas e da instalação de lojas com produtos de circulação nacional e internacional.

Outra alteração cultural significativa observada diz respeito à questão religiosa, tendo-se como exemplo os eventos da Semana Santa, a encenação da morte e ressurreição de Jesus Cristo, para atrair visitantes para a localidade. Além disso, o feriado, que era respeitado (guardado como dia santo) pela maioria da população, devido ao turismo tornou-se um dia com grande potencial de pesca, fazendo com que todos os envolvidos com os serviços da pesca funcionem normalmente: “As pessoas lutam tanto por dinheiro que essas coisas são deixadas de lado”, diz o depoente E6.

Assim, pode-se afirmar que o desenvolvimento do turismo no distrito de Piraputanga vem gerando modificações nos valores culturais em relação ao trabalho, ao consumo, à educação, à religião, aos costumes, salientando-se que não houve uma afirmação dos valores culturais tradicionais da população da sua identidade, minimizando o processo de aculturação, que costuma ocorrer em larga escala em áreas de desenvolvimento do turismo.

O Olhar do Turista Sobre a Natureza e Sobre a População Local

As águas do rio, a ictiofauna aquática e a serra de Aquidauana constituem elementos de atração e de motivação para o turista que visita o distrito de Piraputanga. É o ambiente natural que é valorizado pelo turista na percepção/composição de sua imagem.

Isto não se deve apenas ao modismo do culto à natureza ou à vida saudável que estamos vivendo. Aliado a esse fato, há que se considerar a transformação do “natural” e da “natureza” em mercadoria, a qual, ultimamente, tem sido bastante consumida, principalmente, por moradores de grandes cidades.

Coletando depoimentos de moradores de metrópoles localizadas na região sudeste, que representam a classe média brasileira, foi possível perceber que a busca de locais onde se tem um contato muito íntimo com a natureza é o novo paradigma do turista brasileiro.

Alguns fragmentos dos depoimentos feitos pelos turistas podem ilustrar a importância por eles atribuída ao contato com a natureza. O E7, que reside em Bauru, no Estado de São Paulo, relata: “Achei esta pescaria muito boa para a saúde. Trata-se de um contato muito forte com a natureza que me fez muito bem”.

Outros depoimentos estão intimamente ligados à questão da natureza aliada à misticismo bastante consumida neste final de século, como o depoimento do E8, que reside em São Paulo e já veio pescar em Piraputanga três vezes: “Aqui é tudo de bom. A gente fica no céu . Fico bem nas margens do rio e me sinto como se estivesse no paraíso”.

A questão da mística impressiona também os visitantes ecoturistas que visitam a morraria da serra de Aquidauana, cujas formações geológicas levam principalmente os jovens a grandes devaneios, como é o caso do E9, de Campo Grande, referindo-se à serra de Aquidauana: “Este é um lugar de muita energia e os astros e as bruxas estão muito presentes e os gnomos passeiam por este imenso jardim. O que dá mais vontade de fazer é viver neste local”.

A busca de locais onde a riqueza de recursos naturais é expressiva faz parte da “necessidade”, criada ou não, que os homens sentem hoje de sair do ambiente deteriorado das grandes metrópoles brasileiras. Em Piraputanga, buscam o descanso e o contato íntimo com a natureza. A E10, em seu depoimento, afirma: “Sinto necessidade

do contato com a natureza. Andar com os pés no chão, sentir o cheiro de mato e das plantas é que me possibilita enfrentar a cidade de Campo Grande durante a semana. Venho para cá todos os finais de semana, eu meu marido e meus filhos”.

Partindo-se dessas considerações, infere-se que a tranqüilidade aliada à riqueza dos recursos naturais, durante os dias de permanência em na região, é valorizada em função da motivação dos indivíduos para fugir do ambiente estressante da vida cotidiana nas grandes cidades, buscando, então, o descanso e o contato com a natureza para a reposição de suas energias físicas e mentais.

Um aspecto que aparece nos depoimentos é que muitas vezes o contato íntimo com a natureza tem um custo elevado, o que restringe as idas dos turistas a este destino turístico. O E11, morador da cidade de Campo Grande, enfatizou: “Achei o local muito bom, mas para se fazer pescaria hoje em dia se gasta muito dinheiro, sou funcionário público e não ganho muito. Imagino quanto não gastam estes turistas que vem de São Paulo. Esta é uma das razões de decadência do turismo de pesca”.

Em relação à imagem que os turistas têm da população bonitense, a partir dos depoimentos constatou-se que sua percepção se baseia nos estereótipos a respeito do morador do interior do Brasil.

Uma grande parte dos turistas depoentes referiu-se aos moradores como pessoas hospitaleiras, festeiras, receptivas, acolhedoras e prestativas. Como diz o E12: “Em geral o morador do interior é um povo acolhedor e atencioso”.

Ao responderem sobre os motivos que os levaram a pescar nas terras pantaneiras, os turistas associam a idéia do morador do interior à imagem de um local calmo, sem a agitação dos grandes centros, sendo, então, o morador desta localidade uma pessoa pacífica como qualquer morador do interior do Brasil.

Para reforçar esta afirmação, o depoimento da E13, de Belo Horizonte, é bastante relevante: “O pessoal daqui parece mineiro. São super calmos e hospitaleiros”.

Outros aspectos importantes da imagem do morador, e que influenciam na composição da imagem de Piraputanga, referem-se ao fato de alguns depoentes perceberem a comunidade local como integrada por pessoas muito fechadas, recatadas e reservadas.

Durante os depoimentos percebemos que os turistas que visitam e pescam na região de Piraputanga não têm um contato muito forte com os moradores locais. Isto ocorre porque os atrativos estão consideravelmente distantes do centro urbano. À noite, geralmente, os turistas buscam entrosamento com o grupo com o qual conviveram

durante o dia de passeio e pesca, quando os relatos e a percepção de cada visitante são assunto principal. Este é um caso bastante típico como em qualquer uma das regiões do pantanal de Mato Grosso do Sul e outros rincões do Brasil.

Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi entender o significado das experiências dos pescadores moradores de Piraputanga e dos turistas que visitam a localidade, mediadas pela ascensão da atividade turística no distrito. Para isso, procurou-se cotejar com algumas dimensões do seu viver cotidiano, com as lembranças, os recursos naturais, o convívio, o lazer, procurando observar como os sujeitos avaliam o viver.

Ao longo do trabalho, pretendeu-se resgatar, na voz dos moradores e dos turistas, os modos de vida que estão sendo transformados em função de novas modalidades de turismo que surgem no final do século passado.

Duas tendências chamaram atenção nos depoimentos obtidos. Uma foi a referência constante dos antigos moradores ao passado como a um tempo e a um espaço perdidos, funcionando como memória de um saber/fazer coletivo. A outra foi a percepção que o turista tem sobre a natureza e sobre a população local, seus valores e sua cultura significativamente questionados, um processo de reelaboração realizado a partir de experiências mediadas pelas novas relações no espaço geográfico.

As conseqüências das experiências vividas com a ascensão da atividade turística são múltiplas e variadas, positivas e negativas, benéficas e traumáticas. A experiência vivida está trazendo uma desnaturalização do modo de viver, com uma maior consciência dos esquemas tradicionais de percepção e representação da realidade.

Finalmente, acreditamos que os relatos orais podem contribuir muito para o estudo das experiências vividas por moradores e turistas em áreas com potencial turístico.

Por meio das narrativas, é possível que os moradores e turistas consigam estabelecer comparativos, relações, fazendo releituras das experiências.

Os relatos orais têm a possibilidade de devolver a palavra aos que não têm outros espaços, dando o poder de dizer, sendo constitutivo de novas imagens. Possibilita ver como percebem a auto-imagem sobre a qual poderão refletir suas ações.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Ecléa. Memórias e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- CATELLA, A. C.. A pesca no Pantanal Sul: situação atual e perspectivas. Embrapa Pantanal: Corumbá, 2003. 43p.
- CORIOLANO, Luzia Neide M. T. Do local ao global: o turismo litorâneo cearense. Campinas: Papirus, 1998.
- CORRÊA, R. Lobato. Região e organização espacial. São Paulo: Ática, 1986.
- GARMS, Armando. Pantanal: o mito e a realidade. 1993. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo/Faculdade de Ciências Humanas, Filosofia e Letras, São Paulo, 1993.
- KNAFOU, Rémik. Turismo e território. Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). Turismo e geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.
- KRANTZ, Frederick (org.). A outra história – ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- LUCHIARI, Maria Tereza. P. Urbanização turística – um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: LIMA, Luiz Cruz (org.). Da cidade ao campo: a diversidade do saber fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e memória. São Paulo: Contexto, 1992.
- NÍCOLÁS, Daniel Hiernaux. Elementos para una analisis sócio-geográfico del turismo. In: RODRIGUES, A. B. (org.). Turismo e geografia. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. Teoría y praxis del espacio turístico. México: Universidade Autónoma Metropolitana, 1989.
- PEARCE, D. G. Alternatives tourism: concepts, classifications and questions. In: Tourism alternatives. Engeland (UK): John Wiley & Sons, 235p.
- REJOWSKI, Mirian. Turismo e pesquisa científica. Campinas: Papirus, 1996.
- RODRIGUES Adyr B. (org.). Turismo – modernidade e globalização. São Paulo: Hucitec, 1997d.
- _____. (org.). Turismo e ambiente. Reflexões e propostas. São Paulo: Hucitec, 1997b.
- _____. (org.). Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1997c.
- _____. (org.). Turismo e geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. Turismo e espaço. Rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997a.

_____. Turismo eco-rural. Interface entre o ecoturismo e o turismo rural. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROEHLICH, José Marcos e RIEDL, Mário. Turismo rural e desenvolvimento sustentável. Santa Maria: UFSM, 1998.

_____. Águas de São Pedro: estância paulista. Uma contribuição à geografia da recreação. São Paulo: USP/Departamento de Geografia, 1985. (Tese de Doutorado)

_____. Geografia e turismo – notas introdutórias. In: Revista do Departamento de Geografia. n. 6. São Paulo: USP/Departamento de Geografia, 1992, p. 71-82.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço – técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

TUAN, Yi-Fu. Espaço & lugar. As perspectivas da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

_____. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1985.

_____. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.